

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA
CLÉIA FERREIRA DA SILVA OLIVEIRA**

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM NO CURSO SUPERIOR**

ANÁPOLIS - GO
2009

CLÉIA FERREIRA DA SILVA OLIVEIRA

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM NO CURSO SUPERIOR**

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Docência Universitária, sob a orientação da professora Ms. Jocy Mara Rezende Rolindo.

ANÁPOLIS - GO
2009

CLÉIA FERREIRA DA SILVA OLIVEIRA

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM NO CURSO SUPERIOR**

Anápolis – GO ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Joicy Mara Rezende Rolindo - Orientador

Prof. Edward Montoanelli Luz - Avaliador

Prof^a. Edna Silva Farias - Avaliador

RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NO CURSO SUPERIOR

Cléia Ferreira da Silva Oliveira

RESUMO: Este estudo foi pensado em leitores preferenciais como professores e alunos no propósito de buscar uma forma de abordagem e apresentação apropriadas para pessoas acostumadas a tratar de assuntos de maneira objetiva, indo direto ao âmago da questão. O objetivo de estudo é desvelar-se um questionamento sobre a relação professor-aluno, o processo de ensino-aprendizagem, como também adquirir informações encorajadoras o suficientes que sugiram a motivação de tomadas de novas posturas do educador frente a esta problemática, através de um estudo sobre o porquê e como se estabelecer as relações vinculares professor-aluno e suas repercussões como facilitadores do processo de aprendizagem. Empreende-se para este estudo, uma pesquisa bibliográfica, na qual busca-se autores de renome: Abreu & Masetto (1990), Libâneo (2001), Cunha (2001). O professor deve estar preparado para criar uma nova cultura na sala de aula, fazer da escola à ponte para um novo tempo, um ambiente afetivo, onde a relação professor-aluno é base para o pleno desenvolvimento.

Palavras-chave: Relação professor- aluno-aprendizagem

ABSTRACT: This study was designed to readers preferred as teachers and pupils in respect of seeking a way to approach and presentation appropriate for people accustomed to dealing with matters of objective way, going straight to the heart of the matter. The objective of this study is unveiling was a question about the teacher-student, the teaching-learning process, but also acquire information encouraging enough to suggest the motivation to take new positions ahead of the educator to this issue through a study on the why and how to establish the link teacher-student relations and their impact as facilitators of the learning process. Undertaken for this study, a literature search in which search is a renowned author: Masetto & Abreu (1990), Lebanon (2001), Cunha (2001). The teacher must be prepared to create a new culture in the classroom, school to make the bridge to a new time, an emotional environment where the teacher-student relationship is the basis for full development.

Keywords: for teacher-student-learning

INTRODUÇÃO

A interação que ocorre em sala de aula é mais que um simples encontro professor-aluno em torno de tarefa e aprendizagem. É uma relação pedagógica em que se estabelece um contato interpessoal com bases em propostas educacionais, modelos sociais e culturais, bem como em motivações, interesses e expectativas dos elementos envolvidos. A relação pedagógica, visa a promoção do homem, o desenvolvimento da capacidade de reflexão, compreensão, de crítica e autocrítica. Esta relação não é desvinculada do contexto social e cultural e de um momento histórico. A prática educativa, viabilizada através da interação professor-aluno, transcende o espaço de sala de aula, constituindo-se também, em prática social. Por isso é fundamental a todo professor ter clara visão de mundo, da sociedade e filosofia de educação explícita que lhe permita reconhecer que o seu compromisso com o educando não se restringe aos conteúdos escolares, mas que há também entre eles compromisso político. Afirma Gutierrez (1988; p22) “A política é uma prática totalizadora e diária que impregna e dá cor a tudo que fazemos. Todos nós – cada um em seu trabalho – fazemos política permanentemente, mas o educador a faz de uma maneira privilegiada, já que o estado coloca à sua disposição um determinado número de futuros cidadãos para que os “socialize”, quer dizer, para que os politize”. O objetivo de estudo deste trabalho é desvelar-se o questionamento sobre a relação professor-aluno, quando acontece de forma positiva pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem, como também adquirir informações encorajadoras o suficientes a sugerir motivação de tomadas de novas posturas do educador frente a esta problemática, através de estudo sobre o porquê e como se estabelecer as relações vinculares professor-aluno e suas repercussões como facilitadoras do processo de aprendizagem. Empreende-se para este estudo, uma pesquisa bibliográfica, na qual busca-se autores de renome. Segundo Abreu & Masetto (1990, p115) "é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos. O modo de agir do professor em sala de aula fundamenta-se em uma determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade". De acordo com Libâneo (2001) o ensino, mais do que promover a acumulação de conhecimentos, cria modos e

condições de ajudar os alunos a se colocarem ante a realidade para pensá-la e atuar nela. De acordo com Cunha (2001), assim como os professores atuais foram influenciados pela prática pedagógica de seus professores, podem, com certeza, influenciar seus alunos. Este artigo desenvolve-se falando primeiro sobre a interação professor-aluno: primeiras palavras; seguindo, o processo ideológico e sua influência na relação professor aluno; sala de aula: espaço de concretização da relação professor aluno; finalizando, a importância do relacionamento interpessoal e formas da relação professor aluno de acordo com as tendências pedagógicas.

1 – Interação Professor-Aluno: Primeiras Palavras

Segundo Libâneo(1994) na relação professor-aluno, os aspectos sócio-emocionais cooperam para com ela, porque de acordo com o autor referem-se a vínculos afetivos entre professores e alunos.

Esta relação citada não se refere ao carinho do professor para com a criança, mas sim da relação em um contexto grupal tendo o professor de adotar postura positiva e afetiva com seu aluno, em um ambiente no qual exerça a sua autoridade, não sendo autoritário.

A interação traz implícita uma relação dialógica entre professor e alunos, comprometidos, ao mesmo tempo, como o conhecimento e construção de uma sociedade mais humana e solidária. Só é possível iniciar e manter esse diálogo na medida em que este se fundamenta em responsabilidade, liberdade e aceitação mútua, entretanto, esta relação, segundo Ricoer, citado por Masetto (1990, p.114):

“é sem dúvida, uma das mais difíceis de ser exercitada em nossa sociedade por ser primeiramente em relação assimétrica, em que a carga de competência permite ao professor o exercício de um domínio muito fácil de consagrar no meio de instituições hierárquicas e coercitivas. A tendência espontânea do ensinante é pensar que o ensinado não sabe nada, que aprender é passar da ignorância ao saber, e que esta passagem está em poder do mestre”.(Ricoer 1990, apud Masetto, 1990, p114)

O caráter assimétrico e desigual da relação interativa pode ser explicado pela suposição de que o professor tem mais experiência e conhecimento. Por várias razões, é inquestionável a autoridade pedagógica, mas esta não se confunde com

superioridade ou autoritarismo. O aluno, talvez de forma mais incipiente e menos consistente ou menos elaborada, tem conhecimentos, experiências, potências e, sobretudo, um projeto de realização pessoal que precisa ser respeitado.

A qualidade de interação reflete um desequilíbrio dinâmico, pois o professor e alunos são individualidades diferenciadas, com valores e ideais próprios que se expressam através de suas ações e opções. Entretanto, Abreu (1990) destaca o papel do professor e sua responsabilidade como elementos desencadeadores do processo, afirmando que:

“O papel do professor desponta como sendo o de facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel não é ensinar, mas ajudar o aluno a aprender, não é transmitir informações, mas criar condições para que o aluno adquira informações; não é fazer brilhante preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura”.(Cf. ABREU, 1990, p40)

O significado da docência para o professor, aliado a suas características pessoais e competência profissional, vão estimular diferentes posicionamentos em sala de aula, tanto de professores como de alunos. Assim, se o professor considerar o ensino como processo de transmissão de informações, provavelmente estabelecerá na sala de aula um monólogo até certo ponto rotineiro, dogmático e unilateral. Se considerar o ensino como processo de influência interpessoal, a interação terá caráter de solidariedade e co-responsabilidade, preservando-se o rigor e a seriedade no tratamento dos conteúdos.

Ainda, se o professor buscar auto-afirmação através da autoridade do saber, poderá ocorrer um distanciamento entre as partes, estabelecendo-se uma relação do tipo superior-subordinado. O aluno, por sua vez, assumirá uma atitude de aproximação ou afastamento, conforme se perceber nesse contexto, o que influirá fortemente em sua aprendizagem.

É comum certa desconfiança, insegurança e até hostilidade do aluno, pela falta de uma melhor compreensão do vínculo que o une ao professor, mesmo pela diferença de valores decorrentes da distância geracional que existe entre ambos.

A relação afetiva com o professor e com a tarefa de aprendizagem além de ser um fator casual, tem efeito espiral, influenciando de modo similar aprendizagens subsequentes. Libâneo, (1994, p.251) afirma que o professor deve ser o mediador da relação ativa entre aluno e a matéria, incluindo os conteúdos próprios de sua disciplina, mas que leve em consideração, os conhecimentos, as experiências e capacidades de seus alunos. Neste sentido, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados e propicia condições e meios para o conhecimento das modificações que surgirão, apontando intencionalmente caminhos para o alcance dos objetivos educacionais. Essa postura do professor propicia o desenvolvimento da competência do pensar; para tanto, este dialoga, ouvindo os alunos, abrindo espaço para a argumentação e emissão de seus pensamentos, sentimentos e desejos, permitindo assim a manifestação da vivência do cotidiano.

Esse papel de mediador não exclui a sua responsabilidade como autoridade: autoridade entendida nos seus aspectos moral, profissional e técnico, pois a figura do professor traz esta autoridade como fator inerente; favorecendo, assim, a aceitação e reconhecimento dos alunos.

Autoridade e autoritarismo podem estar juntos no processo pedagógico. Ambas, à primeira vista, parecem como realidades contraditórias em relação a autonomia dos alunos, mas na realidade são fatores complementares.

A posse do saber culto e elaborado não lhe concede esta autoridade. Entretanto, se for permitido ao aluno dialogar, refletir, questionar e mesmo discordar num ambiente de respeito recíproco, ele mesmo saberá organizar suas idéias e valores, estabelecendo os limites da autoridade do professor, tornando-se responsável pelo estabelecimento de sua autonomia e de seus próprios direitos. Então não haverá lugar para dominações nem subordinações antes se estabelecerá uma relação dialógica e dialética, caracterizada pela explicitação do que cabe a cada um.

Ao se relacionar com seus alunos, o professor veicula o que para ele tem significado, tanto no plano do conhecimento, quanto no plano ideológico. Consequentemente, o professor não pode pretender ser neutro, mesmo sob a

alegação de que sua pretensa naturalidade visa respeitar a individualidade do aluno. Nesse particular, a posição do professor é extremamente delicada porque é fundamental que, mesmo veiculando valores e ideologia, o que é inevitável, o professor não as imponha a seus alunos.

2 – O processo ideológico e sua influência na relação professor-aluno

Não há dúvidas de que existe entre os alunos e professores um jogo de expectativas relacionadas ao respectivo desempenho. A escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se esperam. Por outro lado, mas também por ser instituição social, ele é determinado pelo conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela. Este fluxo é que reproduz a ideologia dominante que, segundo Chauí (1995) é:

“ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos,. Indivisão: apesar da divisão social de classes, somos levados a crer que somos todos iguais, porque participamos da idéia de “humanidade”, ou da idéia de “raça”, etc. Diferenças naturais: somos levados a crer que as diferenças sociais, econômicas e políticas não são produzidas pela divisão social de classes, mas por diferenças individuais de talento e das capacidades da inteligência, da força de vontade ou memória etc”.(CHAUI, 1995, p174)

Por certo, então, os papéis escolares estão definidos ideologicamente também na sociedade, identificados com a classe dominante, passando pelas formas de produção e distribuição do conhecimento.

As condições de classe social dos alunos determinam, um rol de expectativas sobre o seu desempenho. E, em muitos casos, a escola deve ser apenas para ratificar esta expectativa, para convencer os jovens a aceitar o fracasso, ou seja, para a aceitação da sua situação na sociedade.

Analisar, pois, as relações que acontecem entre professor-aluno puramente no campo psicológico ou afetivo é, no mínimo, um comportamento ingênuo. Elas acontecem no palco de uma sociedade e, portanto, são profundamente marcadas pelas contradições sociais.

CUNHA (2001) levanta a hipótese de que é através da produção do conhecimento que melhor se favorece o crescimento é o estabelecimento da relação do sujeito com o objeto, cabe, ao professor, portanto, agir na direção de mediar a relação educando-objeto de conhecimento-realidade, colaborando na construção, reflexão, organização interação, encaminhando o educando rumo a autonomia. Produzir conhecimento significa situar os sujeitos da aprendizagem numa perspectiva de indagação que leve ao estudo e à reflexão.

A compreensão da dimensão política da educação interferiu muito na forma de compreender o papel do professor e, por conseguinte, suas características, competência e compromisso. O professor passou a ser visto situado no seu tempo e se percebeu com nitidez que, conforme como diz Masetto (1990, p,8), “o professor tem um papel social, determinado historicamente”. Dessa forma o papel do professor não pode ser deslocado do contexto onde se manifesta. O professor como facilitador da aprendizagem, aberto às novas experiências, procura compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tenta levá-los à auto-realização. A responsabilidade da aprendizagem fica também ligada ao aluno, àquilo que é mais significativo para ele, e deve ser facilitada pelo professor. Portanto, o processo de ensino depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão e do relacionamento com seus alunos. O professor para a cria o cenário, pensando no estágio de desenvolvimento em que o aluno se encontra, para que o aluno possa explorar o ambiente de forma predominantemente ativa. Neste ponto, o aluno não é um ser que recebe informação passivamente, ele deverá experimentar racionalmente atividades de classificação, seriação e atividades hipotéticas. Assim, o professor sempre oferecerá ao aluno situações problemas que tragam a eles a necessidade de investir, pensar, racionalizar a questão e construir uma resposta satisfatória.

Mizukami (1986) afirma que a relação entre o mestre e o aprendiz é horizontal, professor e aluno aprendem juntos em atividades diárias. Neste processo, o professor deverá estar engajado em um trabalho transformador procurando levar o aluno à consciência, desmistificando a ideologia dominante, valorizando a linguagem e a cultura.

3 – Sala de aula – Espaço de Concretização da Relação Professor-Aluno

Sendo a sala de aula um espaço de vivência e convivência, espaço de vida e realidade, localizada geograficamente e temporalmente, participe de um processo histórico, desencadeia no seu interior, múltiplas relações de aprendizagem com o outro, integrando, crescendo com o grupo.

Diálogo, abertura e crítica, respeito mútuo, oportunidade para o crescimento e desenvolvimento humano, constituem sua tônica, no processo democrático. Surge em seu interior, situações de mediação: dinâmica viva, inovadora, real, desafiadora. Local onde objetivos se concretizam e estão voltados para o progresso e desenvolvimento do indivíduo e do grupo. O papel do professor deixa, portanto, de ser “ensinante” para “estar com”, o que modifica radicalmente as relações interpessoais.

Para aprender, é necessário um ambiente de permanente construção, voltado para mudanças e rico em novidade. Aprendizagem, portanto, não é sinônimo de memorização. A sala de aula, no entanto, apresenta contradições, descritas assim por Morais (1994. p.43) “um lugar dinâmico e contraditório e de circulação (transmissão-assimilação) do saber. Dinâmico, porque é inerente ao discurso dialético ser assim, e também porque articula o político a favor da maioria”.

A sala de aula não deve ser subestimada por esta ser apenas uma parte do fenômeno educativo.

Pesquisas, citadas por Morais (1994. p. 96-97) apontam para a sala de aula com local onde ainda se aprenda. Esta aprendizagem sendo significativa, propicia a informação e aplicação em uma situação em benefício da solução de situação ensino-aprendizagem e como processo, que tenha objetivos claros que comporte o previsto e o imprevisto. “Aprender a aprender” é o primeiro passo para romper barreiras. Aprendizagem se dá por fatores endógenos e exógenos (relação professor-aluno) ao aprendiz, mas acima de tudo o desejo de aprender inerente no ser humano torna a aprendizagem possível da forma gratificante e prazerosa. Cunha (2001) e Masetto (1990). Criar ambiente de aprendizagem está diretamente ligado a

* Endógeno: que nasce no interior de uma estrutura.
Exógeno: que cresce exteriormente ou por fora.

atitude do professor e suas relações estabelecidas nas ações de ensino-aprendizagem. Pensar estas relações implica em dar significado diferenciado e até mesmo possibilitar uma releitura de mundo.

4 – Importância do Relacionamento Interpessoal

Segundo Gil (2002), tanto professores quanto estudantes encontram em sala de aula local privilegiado para a satisfação de muitas de suas necessidades, sobretudo das sociais de estima. Isso porque a satisfação destas necessidades passa necessariamente pelo relacionamento entre as pessoas. Para o autor os cursos universitários são ambientes em que inevitavelmente ocorrem múltiplos relacionamentos. Alguns são efêmeros, mas outros são muito envolventes.

Mas há professores que não consideram muito importante o relacionamento com os alunos no processo didático. Há os que solenemente afirmam que em sala de aula sua atuação limita-se a ensinar e não a consideram o local adequado para o estabelecimento de qualquer outro tipo de relação com os alunos que não seja a didática.

De fato, a principal função da escola é a de ensinar. Mas uma simples análise da escola como instituição social possibilita identificar outras funções. Funções estas que podem ser consideradas “latentes” e que muito contribuem para o desenvolvimento psicossocial dos estudantes. A escola constitui uma das mais importantes fontes de socialização, pois é no seu âmbito que se aprendem e se reforçam muitos dos valores, das crenças e das normas de conduta social. É um local privilegiado para o desenvolvimento de grupos de lealdade e de lazer. Não há, pois, como desconsiderar a escola – mais especificamente a sala de aula – como local de relação, já que inevitavelmente no seu interior ocorrem múltiplos relacionamentos entre professores e estudantes.

Os estudantes não trazem para a sala de aula apenas a motivação para aprender. O ensino universitário também oferece oportunidades para satisfazer às necessidades de domínio e para enfrentar e superar como sucesso os desafios. Para muitos estudantes, o que mais interessa é ser melhor que seus colegas na

competição; por isso, lutam para a obtenção de notas altas e de honrarias acadêmicas.

Muitos professores, por sua vez, não se satisfazem apenas com o ensino que ministram e com o aprendizado obtido pelos estudantes. Para alguns professores é muito estimulante encontrar-se numa situação de controle, como a que ocorre em sala de aula. Há professores que experimentam muita satisfação em sentir-se o centro das atenções e por isso mesmo valorizam as preleções. Há os que ficam muito satisfeitos quando identificam e orientam alunos reconhecidos como talentosos. Há os que experimentam grande satisfação quando percebem que alguns estudantes valorizam de tal forma sua atuação em sala de aula que manifestam interesse em seguir seus passos. E há professores cuja principal fonte de satisfação em sala de aula consiste em sentir-se estimado pelos estudantes (Lowman, 2004).

Os professores não programam o relacionamento com os estudantes como programam outras atividades docentes. Mas, à medida que consideram a sala de aula como lugar de relacionamento, passam a vislumbrar um horizonte mais amplo de possibilidades, inclusive didáticas. O modo como se efetiva a relação com os estudantes influencia não apenas o aprendizado dos conteúdos que são ministrados, mas também a satisfação pessoal e profissional do professor. Assim, tratar da relação professor-aluno em sala de aula significa tratar todo o processo de ensino-aprendizagem.

5 – As diferentes formas da relação professor-aluno de acordo com as tendências pedagógicas

Segundo Libâneo (2001), as tendências pedagógicas dividem-se em:

Tendência liberal Tradicional

Tendência liberal renovada progressiva

Tendência liberal renovada não-direta

Tendência liberal tecnicista

PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS

Tendência progressista libertadora

Tendência Progressista Libertária

Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos

Tendência liberal tradicional

Segundo Libâneo (2001), a tendência liberal tradicional sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Isso pressupõe que o indivíduo precisa adaptar-se aos valores e normas vigentes na sociedade de classe, através do desenvolvimento da cultura individual. Devido a essa ênfase no aspecto cultural, as diferenças entre as classes sociais não são consideradas, pois, embora a escola passe a difundir a idéia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. Esta tendência é uma justificação do sistema capitalista. Difunde a idéia de igualdades de condições. Os procedimentos didáticos, as relações professor/aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais.

Tendência Liberal renovada Progressivista

Segundo essa perspectiva teórica de Libâneo (2001), a tendência liberal renovada progressivista (ou pragmatista) acentua o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. A escola continua, dessa forma, a preparar o aluno para assumir seu papel na sociedade, adaptando as necessidades do educando ao meio social, por isso ela deve imitar a vida. Se, na tendência liberal tradicional, a atividade pedagógica estava centrada no professor, na escola renovada progressivista, defende-se a idéia de "aprender fazendo", portanto centrada no aluno, valorizando as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, etc., levando em conta os interesses do aluno. Como pressupostos de aprendizagem, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma auto-aprendizagem, sendo o ambiente apenas um meio estimulador, conforme Libâneo (2001). Só é retido aquilo que se incorpora à

atividade do aluno, através da descoberta pessoal; o que é incorporado passa a compor a estrutura cognitiva para ser empregado em novas situações. O papel da escola é adaptar o aluno ao meio onde vive, enfatiza-se o aprender a aprender. O método utilizado é o trabalho em grupo, aprender fazendo. Não há lugar especial para o professor, ele tenta harmonizar a disposição do aluno.

Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva

Acentua-se, nessa tendência, o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais, conforme Libâneo (2001). Todo o esforço deve visar a uma mudança dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente. Aprender é modificar suas próprias percepções. Apenas se aprende o que estiver significativamente relacionado com essas percepções. A retenção se dá pela relevância do aprendido em relação ao "eu", o que torna a avaliação escolar sem sentido, privilegiando-se a auto-avaliação. Trata-se de um ensino centrado no aluno, sendo o professor apenas um facilitador, ou seja, o papel da escola é promover o auto desenvolvimento pessoal, os alunos buscam por si mesmo os conhecimentos. O professor é o próprio método, é facilitador. A educação é centrada no aluno, o professor é especialista em relações humanas.

Tendência Liberal Tecnicista

A escola liberal tecnicista, segundo Libâneo (2001), atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse principal é, portanto, produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, não se preocupando com as mudanças sociais. O papel da escola é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho. Os conteúdos de ensino são por princípios científicos. Os métodos de ensino são através de procedimentos que assegurem a transmissão e recepção de informações. O professor é o elo entre a verdade científica e o aluno.

PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS

Tendência Progressista Libertadora

As tendências progressista libertadora e libertária têm, em comum, a defesa da autogestão pedagógica e o anti-autoritarismo. A escola libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido. Como pressuposto de aprendizagem, a força motivadora deve decorrer da codificação de uma situação-problema que será analisada criticamente, envolvendo o exercício da abstração, pelo qual se procura alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos. Assim, como afirma Libâneo (2001), aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica.

Tendência Progressista Libertária

A escola progressista libertária parte do pressuposto de que somente o vivido pelo educando é incorporado e utilizado em situações novas, por isso o saber sistematizado só terá relevância se for possível seu uso prático. Segundo Libâneo (2001), a ênfase na aprendizagem informal, via grupo, e a negação de toda forma de repressão, visam a favorecer o desenvolvimento de pessoas mais livres. No ensino da língua, procura valorizar o texto produzido pelo aluno, além da negociação de sentidos na leitura. Esta tendência caracteriza-se pela auto-gestão pedagógica, pelo processo de aprendizagem grupal, é uma educação popular, não formal.

Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos

Conforme Libâneo (2001), a tendência progressista crítico-social dos conteúdos, diferentemente da libertadora e libertária, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. A atuação da escola consiste

na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade. Na visão da pedagogia dos conteúdos, admite-se o princípio da aprendizagem significativa, partindo do que o aluno já sabe. A transferência da aprendizagem só se realiza no momento da síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora, acentuando a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. A escola serve como mediadora entre o indivíduo e o social, estimulando o saber elaborado. Considerações finais: De acordo com este resumo do quadro teórico de José Carlos Libâneo (2001), deduz-se que as tendências pedagógicas liberais, ou seja, a tradicional, a renovada e a tecnicista, por se declararem neutras, nunca assumiram compromisso com as transformações da sociedade, embora, na prática, procurassem legitimar a ordem econômica e social do sistema capitalista. Já as tendências pedagógicas progressistas, em oposição às liberais, têm em comum a análise crítica do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da circularidade e reciprocidade do processo, professores e alunos têm tarefas específicas e diferenciadas. Ao professor cabe promover o ensino através de uma ação eminente crítica e criativa, levando a questionar, comparando, sugerindo alternativas abrindo perspectiva. Assim permitirá ao aluno apropriar-se de novas formas de ação, de comunicação e lhe possibilitará atribuir maior significado ao saber que adquire. Ao aluno cabe, aprender, isto é, atingir o conhecimento, obtendo uma visão lúcida e unificada do mesmo para transformar a opacidade da realidade em caminho iluminado, de tal forma que possa agir com certeza, segurança e previsão. Um aluno crítico transcende a sala de aula e estabelece uma relação íntima entre os conteúdos, o conhecimento e sua experiência trazida de fora. Esta criticidade do aluno é que o ajuda progressivamente a construir sua autonomia, delimitando o espaço da ação de professor e aluno, no inter-jogo de forças onde todos são igualmente importantes.